

CONTROVÉRSIAS DE UMA HEROÍNA NACIONAL De Voluntária da Guerra do Paraguai à Mito Nacional

Elton Soares Veloso Júnior¹

Priscila Oliveira Pereira²

Compreender a Guerra do Paraguai é entender a formação do Brasil. Após, a Guerra várias contestações ocorreram no país, entre elas, a abolição da escravidão (1988) e a Proclamação da República (1989). Dentro da temática, procuramos examinar uma militante voluntária que se destacou na imprensa piauiense e nacional e, atualmente, tramita no congresso o projeto de lei que visa a introduzir seu nome no Livro dos Heróis da Pátria. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar os propósitos que pretendem propagar Jovita Alves Feitosa como uma heroína nacional.

Este texto se justifica pelo fato de uma jovem que se destacou como voluntária da pátria para lutar pelo Brasil, e também por ser a segunda mulher reconhecida como heroína no período da Guerra do Paraguai, a qual terá seu nome inserido no Livro dos Heróis da Pátria localizado no Panteão da Liberdade. Antes de se falar do projeto de lei que promoverá a Jovita Alves Feitosa como heroína nacional, faz-se necessário delinear a trajetória dela.

Nos países do cone sul, Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai, o século XIX foi marcado pela Guerra do Paraguai. Nesse cenário, a imprensa foi uma aliada importante do governo desempenhando diversas funções, como informa e mobilizar a sociedade para participar da guerra. No Piauí não foi diferente, os jornais “foram exemplos de dedicação da empresa jornalística na mobilização para guerra”. (ARAÚJO, 2009, p.87)

Em meados de dezembro de 1864, o governo brasileiro enviou uma circular convocando a sociedade para constituir o Corpo de Voluntários da Pátria. Na época, Jovita, com seus dezessete anos, era uma jovem cearense de família simples, dessa maneira, no início de 1865, apresentou-se, vestida de homem e cabelos cortados, as autoridades piauienses. Entretanto, em uma feira o rapaz observou a Jovita que possuía as orelhas furadas, curioso palpou e de repente saiu gritando que aquele rapaz era mulher prenderam-na e o chefe da delegacia a interrogou, entretanto, mostrou seu interesse de lutar pela Pátria, o que acabou convencendo as autoridades piauienses aceitarem no 2º Corpo de Voluntário do Piauí.

¹ Graduado em História pela Faculdade Maurício de Nassau – FAP- Teresina.

² Graduada em História pela Faculdade Maurício de Nassau – FAP- Teresina.

O nome de registro era Antônia Alves Feitosa, mas apelidada de Jovita. Assim, presidente da província do Piauí, Franklin Américo de Meneses Dória, e que se inspirou na história de Maria Quitéria, na guerra da independência, utilizou Jovita com “garota propaganda” do patriotismo brasileiro. Além do mais, o Doria, deu o posto de Sargento para Jovita, patente do exercício destinado somente para homens que já havia muito tempo prestando serviços. Logo, usando a figura de Jovita Feitosa tornando-se comentários de diversos observadores.

O nome de registro era Antônia Alves Feitosa, mas apelidada de Jovita. Assim, presidente da província do Piauí, Franklin Américo de Meneses Dória, e que se inspirou na história de Maria Quitéria, na guerra da independência, utilizou Jovita com “garota propaganda” do patriotismo brasileiro. Logo, usando a figura de Jovita Feitosa tornando-se comentários de diversos observadores. Apresentou-se nesta cidade uma interessante rapariga de 18 anos de idade, de tipo índio, natural de Inhamuns vinda de Jaicós, desta província, trajando vestes de homens rude, e ofereceu-se, e o ofereceu-se ao Exmo. Presidente como “voluntária da pátria”. Aceito como tal, é, pouco depois, na rua ou na casa do mercado, descoberto o seu sexo; é levado à polícia e interrogado. Confessa o seu disfarce, e envergonhada – chora, porque teme não poder mais seguir o seu intento, e pede encarecidamente que aceitem como voluntários. Seu maior desejo, diz ela, é bater-se com os monstros que tantas ofensas tem feito às suas irmãs de Mato Grosso; é vingar-lhe as injúrias ou morrer nas mãos tigres sedentos; [...] Hoje a vimos de saiote e farda com as insígnias de 1º Sargento. Mostra-se satisfeita e resoluta sempre [...] (GOIS. Damião. Traços biográficos da heroína da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa, ex-sargento do 2º Corpo de voluntários do Piauí, natural do Ceará- por um fluminense, Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Brito e Irmão 1865, p.15).

Este “estranho soldado” transformou-se num mito por meio da imprensa, colaborando com o governo em incentivar os homens para engajarem na lutar pela Pátria brasileira, se uma mulher queria lutar, porém era dever dos homens irem para o campo de batalha, por isso, ajudou nas horas de crise, servindo de propaganda do governo e dos periódicos.

Com discursos agressivos à pátria paraguaia, hostilizando o inimigo com intenções de ódio em massa, Jovita foi um exemplo espírito nacionalista dentre outra milhares de mulheres da época, foi contra todas as doutrinas impostas a uma mulher que só podiam ser na guerra nas funções destinadas a elas, como cozinheiras e enfermeiras.

O discurso feito pelos generais fora a propaganda favorável à Guerra do Paraguai está presente nas falas dos Presidentes Provinciais assim como na imprensa escrita. Esta forma de propaganda defende a Guerra como uma forma de ‘vingar a afronta’ cometida pelos paraguaios contra a pátria brasileira. Surgem convocações cheias do que se julgava ser

sentimento nacional em jornais de todo o Império. Em certo periódico piauiense, aparece a seguinte convocação:

[...] ao povo não cabe calcular o número de soldados que se fazem necessários: Quem puder bater-se, acuda ao brado solene da pátria: Venham aos mil de todas as províncias do Império. É só ao governo que cumpre dizer: ‘Basta’. Quanto ao governo tem ele nas leis os meios de levantar e organizar as forças precisas: Tem o recrutamento forçado Tem o alistamento de voluntários Tem o destacamento da Guarda Nacional (A Imprensa. Ano I. 30 de setembro de 1865, número 10 p. 2).

Os meios de comunicação ajudavam o governo com suas intenções que iriam fazer a grande guerra. Criava-se toda uma imagem depreciativa aos paraguaios, de modo a incitar o ódio dos brasileiros. A visão depreciativa em relação aos paraguaios é abandonada a partir do momento em que se dá ênfase à necessidade de se derrotar López, visto como único responsável pela guerra. A afirmação de que a guerra não era contra os paraguaios, mas contra o próprio ditador paraguaio, está presente no próprio Tratado da Tríplice Aliança. De López, afirmava-se na imprensa escrita que

Este mancebo [Lopez] supondo-se invencível em seu reduto, oculto entre os dois rios conservando as mesmas tradições governamentais e despóticas de seus dois predecessores [Francia e Carlos Lopez], porém destituído da capacidade e inteligência deles, não faz outra coisa depois que subiu ao poder, senão procurar contestações com Buenos Aires e seus vizinhos¹³ (A Imprensa. Ano I. 30 de setembro de 1865, número 10 p. 4).

Com essa recorrência de atos de mulheres e crianças, buscava-se criar toda uma situação de conflito na mente dos homens vistos simplesmente como ‘ociosos’ pelas autoridades responsáveis pelo recrutamento. O uso de exemplos de coragem como esses tinha como objetivo deixar os homens em situação embaraçosa, forçando um conflito moral que os convencesse a ir à guerra.

Quem estava a cuidar dessa situação soube manobrar bem e contornar até o preconceito social da época e transformar em pontos positivos e ativou pensamentos díferes da população para irem à guerra, com essa ideia criar novos voluntários. Nesse sentido, Jovita passa pelo seu apogeu através de uma prisão onde é desmascarada, onde os superiores obtiveram êxito na manobra de usar a figura da soldada voluntária com propósitos de erguer o número de voluntários.

De acordo com o padre Joaquim Chaves “por onde passasse o batalhão piauiense, todas as atenções, todas as manifestações eram dispensadas pelas massas populares ao mito, à heroína que ainda nada havia feito que justificasse aquele endeusamento” (Chaves, p. 51).

Assim, Jovita junto com o 2º Corpo de Voluntário do Piauí percorreram várias províncias entre elas, São Luís, que foi recebida como uma heroína fazendo uma apresentação artística, desde a concentração de uma peça teatral, até recitação de poemas em sua homenagem, tudo financiado por conta dos comerciantes da cidade.

Houve, como estava anunciado, o espetáculo em honra da heroína. Ela ocupava o 1º camarote da 1º ordem, que a empresa lhe oferecera, e foi alvo da admiração do extraordinário numero de espectadores que enchiam o teatro. Trajava farda de calças brancas, saiotê encarnado e trazia banda e insígnia de 1º sargento [...]. depois de uma poesia patriótica brilhantemente recitada pela Sra. Da. Manoela e do hino de guerra contado pelos artistas da companhia, foi a Jovita chamada à cena pelos expectadores e ai coberta de flores, saudada com grande entusiasmo e prolongados vivas a ela e seus companheiros de armas. Então ofereceu-lhe a Sra. Da. Manoela uma coroa de flores e um crucifixo de ouro, pendente de um cordão mesmo metal do valor de duzentos mil reais [...] O Sr. Boaventura José Coimbra Sampaio, negociante português [...] entusiasmado pela nobre dedicação do patriótica cearense ofereceu-lhe um fardamento fino de pano azul, e outras pessoas fizeram-lhe diversas dádivas. (imprensa, p.n/p, numero?, 09/09/1865, seleção Microfilmados, BN. Rio de Janeiro .)

Continuando a trajetória passou por Recife, Bahia e chegando à capital do Império, Rio de Janeiro. Após a acalorada recepção foi impedida de prosseguir com 2º Corpo de Voluntários do Piauí, pois “sua admissão no Exército foi recusada por tal ato, sendo publicado em ordem baixado pela secretária dos Negócios da Guerra, no dia 16 de setembro de 1865” (ARAÚJO, 2009, p. 109). É importante observa que Jovita não foi aceita no campo de batalha, como soldado visto que era comum nas tropas brasileira irem mulheres para fazerem outros serviços. Todavia, não aceitou ir ao campo de batalha recusando a integrar o Corpo de Mulheres.

A partir da recusa ela retorna para Teresina sem o entusiasmo da vinda proporcionando pelos periódicos e a sociedade, ficou esquecida na memória da população até a sua morte. Assim, chegando a sua cidade, não foi bem recebida pelo tio. Sabemos que retornou ara o Rio de Janeiro que se suicidou, pois o engenheiro inglês que estava tendo um romance foi embora. Como se vê sua morte, também teve ampla divulgação na imprensa.

Vários trabalhos já foram realizados sobre a temática da participação das mulheres na Guerra do Paraguai, entretanto, com o enfoque da Jovita que ganhou destaque na imprensa na época, e, posteriormente, conhecida como uma heroína nacional, por sua ousadia de desejar lutar no campo de batalha, lugar destinado ao gênero masculino. Este tema nos remete às questões de gênero e lugar de memória.

Isto posto, O panteão criado em 1891, para prestigiar e valorizar os homens e mulheres que se destacaram ao longo da história nacional, tendo em comum a contribuição para a consolidação da pátria brasileira. Assim, para inserir um nome no Livro dos Heróis da Pátria é preciso a aprovação do congresso nacional. Contudo, o “lugar de memória da nacionalidade brasileira é pouco conhecido da grande maioria da população.”

Dessa maneira, no dia 9 de dezembro de 2009, no Diário Oficial do Senado, foi publicado o projeto de lei que inscreve o nome de Jovita Alves Feitosa no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade.³ Jovita também ganhou espaço na Academia Tauaense de Letras, patrona da cadeira nº13, segundo a justificativa do projeto.

Além disso, o Diário do Senado Federal é fonte que busca interpretar e representar a história de Jovita, podemos conferir na justificativa do Projeto de Lei do Senado Nº 553, que inicia destacando a ausência da mulher brasileira na historiografia oficial, que desempenhou ao longo da história nacional, ao lado dos homens um papel importante.

Assim, a justificativa do projeto de lei foi baseada no texto publicado pela Academia, onde contam a sua vida. A partir desse detalhe, já podemos observar que a Jovita Feitosa foi elaborada como heroína nacional pelo fato de ter se alistado no 2º Corpo de Voluntários do Piauí para lutar no maior conflito militar que o Brasil participou na América do Sul. Para tanto, viajou pelo país reafirmando o “espírito patriota” que o Estado Nacional brasileiro precisava para incentivar a população no empenho de participar da guerra.

Nesse contexto, Jovita não lutou no campo de batalha, atividade desempenhada apenas pelos homens, proibida pelo general. Contudo, não quis exercer o papel definidos para mulheres no campo de batalha como, enfermeira e cozinheira. A partir dessa perspectiva, a “fama” de jovem patriota foi construída pela imprensa, e, atualmente, com os novos papéis sociais exercidos pelas mulheres, o Estado elabora as heroínas que tiveram participação na formação da pátria brasileira.

De certo modo, as ações políticas de reafirma a mulher com protagonista de eventos nacionais. Corroborando, o Pierre Nora, observa que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.13).

Com isso, a memória de Jovita Alves Feitosa está sendo elaborada à medida que o Presidente da República, sancione a lei que aprovar a inscrição do seu nome no Livro dos

³ Diário Oficial do Senado Federal, dia 09 dez 2009

Heróis da Pátria, identificando os elementos simbólicos contidos na trajetória de vida dela para ser considerada heroína, desse modo, sempre que tiver os eventos cívicos, promovendo a memória coletiva nacional Jovita será celebrada pelo seu ato de ousadia.

Para finalizar, a inserção do nome de Jovita no lugar de memória é a construção da identidade nacional como heroína da Guerra do Paraguai, assim como Maria Quitéria foi conhecida como a heroína nacional da Guerra da Independência. É importante observar que essa construção do lugar de memória não resgata o passado tal como aconteceu, mas uma representação do acontecimento que não deve ser esquecido.

Entretanto, a única mulher até agora inscrita no Livro de Heróis da Pátria é Anna Nery (1814-1880). Paralelamente, a Jovita, Anna participou da guerra de acordo com as funções determinadas pelas mulheres. Pensar a Jovita como uma heroína nacional é legitimá-la pela nação brasileira, recebendo um prestígio póstumo, como patriota reforçando a memória coletiva brasileira.

Referências

A construção da memória nacional: os heróis no Panteão da Pátria. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições, 2010. 119p. (Série Cadernos do Museu; n.10)

ARAÚJO, Johny Santana de. **BRAVOS DO PIAUÍ! ORGULHAI-VOS. SOIS DOS MAIS BRAVOS BATALHÕES DO IMPÉRIO: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (185-1866)** – tese (Doutorado em história) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

CHAVES, Monsenhor. Guerra do Paraguai In **Obra Completa.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

_____, Monsenhor. O Piauí na Guerra do Paraguai. In **Obra Completa.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1998

CHAVES, Pe Joaquim. Piauí na guerra do Paraguai. **Cadernos Históricos** 4. Da academia de letras, p. 50-55.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In: História e Cultura. Projeto História (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP), São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 13.